

VIOLÊNCIA ESCOLAR E A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA: PERSPECTIVAS E LIMITES DO PROGRAMA ÉTICA E CIDADANIA

ALMEIDA, José Luciano Ferreira-SEED-PR
lubatis@gmail.com

Mesa-redonda: “Prevenção às drogas e violência nas escolas”
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir a violência escolar a partir da formação docente. Compreende-se esse aspecto como imprescindível para a organização do trabalho pedagógico. Tem-se como objeto de discussão o Programa Ética e Cidadania do governo federal e principalmente a dimensão da formação docente dentro do referido programa. Trata-se de uma política pública voltada para a formação docente que o Ministério da Educação desenvolveu a partir de 2003. Compreende-se que a formação docente pode ser um mecanismo de enfrentamento à violência escolar. Nesse sentido o trabalho educativo pode ser um processo de redução da violência e da indisciplina escolar. Essa perspectiva destaca-se a partir do momento em que a prática pedagógica pode ser considerada um processo de reflexão crítica sobre a violência e a indisciplina escolar. Há que se considerar que a prática pedagógica necessita ser atualizada e pensada no cotidiano escolar para fundamentar a organização do trabalho pedagógico. Insere-se na perspectiva da construção teórica para o trabalho escolar a partir do tema da violência e da indisciplina escolar. Portanto, a intenção básica deste estudo e dessa reflexão sobre a violência (escolar) é compreender a prática pedagógica a partir do enfrentamento à questão das dificuldades trazidas pelo processo citado anteriormente. Compreende-se que a escola deve contribuir para o processo de humanização e construção crítica do educando, trata-se de uma perspectiva histórica que essa reflexão incorpora como referência e fundamentação teórica. O desafio reside-se na perspectiva de tornar uma Política Pública em efetivo trabalho educativo para o Enfrentamento à violência escolar.

Palavras-chave: Violência Escolar; Formação Docente; Ética e Cidadania; Política Pública.

Introdução

A partir de maio de 2007 a Secretaria de Estado da Educação do Paraná deu início a constituição de uma equipe pedagógica para desenvolver trabalhos de pesquisa e formação docente na área da violência e da indisciplina escolar. Refere-se, assim, a questão do conhecimento como processo fundamental para pensar a violência e indisciplina escolar. “... o conhecimento não é só produto mas também processo e, como processo, é perpassado pelo

ideologia.” (LEITE, 1994, p.12) Compreende-se que o caráter ideológico do conhecimento não constitui uma realidade objetiva, é necessário aprofundar e refletir o processo de violência na escola como uma realidade objetiva e que implica uma metodologia para a formação docente.

Tal processo decorreu da necessidade de contribuir para a prática pedagógica docente de informações e fundamentação teórica sobre a questão da violência e indisciplina escolar. Compreende-se que tal processo merece atenção pelo fato de que a violência no âmbito da escola, tem uma especificidade que remete ao seu papel histórico, qual seja, o foco na construção do conhecimento e da humanização do educando. Observa-se que a violência compromete ou impede a constituição do sujeito histórico numa perspectiva de construção da autonomia do saber.

Estudar a relação com o saber é estudar esse sujeito enquanto confrontado com a necessidade de aprender e a presença de “saber” no mundo. Assim sendo, não se pode deixar de considerar o sujeito ao estudar-se a educação. Mas nem por isso podemos esquecer que o sujeito da educação é um ser social. (CHARLOT, 2000, p.34)

Um segundo aspecto sobre a necessidade da pesquisa na área da violência e indisciplina escolar, decorre também do processo de formação continuada docente que a Secretaria de Estado da Educação do Paraná tem como política pública para a educação básica. A formação continuada insere-se no processo de política pública educacional como princípio de constituição dos saberes escolares. “..a análise da relação com o saber enquanto relação social não deve ser feita independentemente da análise das dimensões epistêmica e identitária, mas, sim, através delas.”(CHARLOT, 2000, p. 74)

A questão da formação docente, como elemento de enfrentamento à violência escolar, requer uma análise desse processo na perspectiva da constituição de saberes que possam se constituir em instrumentos de organização do trabalho pedagógico. Refere-se, assim, a uma conduta da formação docente para pensar e enfrentar a questão da violência e indisciplina escolar.

A questão da violência e indisciplina escolar “(...) amplamente divulgada e explorada pelos meios de comunicação, tornou-se tema de debate público e vem despertando o interesse de um número crescente de pesquisadores.” (GASPARIN, LOPES, 2003, p.295) Ao eleger a perspectiva histórica como método, procura-se compreender o processo da violência escolar a

partir da lógica social e cultural. Tem-se esse conhecimento como fundamento e constituição da ética para a prática pedagógica docente.

Cabe ao docente compreender o processo de indisciplina e de violência escolar a partir do conhecimento, ou seja, da compreensão do método científico que fundamenta o estudo e a análise da relação entre os processos de violência e indisciplina escolar que se inserem na escola.

O discurso atual dos educadores valoriza cada vez mais, o exercício contínuo da reflexão do professor sobre as conseqüências de suas ações na prática escolar, contudo, percebe-se que o professor ainda não consegue identificar na cultura escolar algumas fontes de violência, inclusive aquelas geradas pela sua própria prática enquanto professor. (KOEHLER, 2003 , p. 01)

Neste aspecto, pensar a questão da violência na sociedade atual requer uma amplitude de reflexão, deve-se buscar os fundamentos teóricos para a compreensão deste processo. “Não basta, porém, coletar dados; deve-se também saber exatamente o que se procura. E isso é ainda mais necessário quando se aborda uma questão antiga de uma forma relativamente nova.” (CHARLOT, 2000, p.9)

Portanto, há que se dispor ao trabalho de pesquisa e fundamentalmente à reflexão sobre o tema da violência. Defende-se a idéia de que é necessário elaborar e desenvolver uma compreensão científica da violência escolar. Como considera Charlot (2000), há que se ter todo o cuidado com as teorias construídas e as opiniões do senso comum. Busca-se considerar a indisciplina e da violência escolar como um processo que merece um tratamento epistemológico por parte dos docentes.

Tem-se como pressuposto, nesse aspecto analisar o Programa Ética e Cidadania desenvolvido pelo Ministério da Educação, que se refere à formação continuada docente na perspectiva de uma política pública para a formação docente. Trata-se de uma iniciativa do Ministério da Educação e da Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Na apresentação pode-se registrar os seguintes objetivos e princípios: a) busca-se criar uma rede de comunicação entre as escolas espalhadas por todo o país, estabelecendo as condições para a consolidação do programa e o fortalecimento das ações relacionadas à Ética e à cidadania; b) “contribuir para a formação dos educadores, a fim de que possam atuar com a intencionalidade necessária à construção de uma sociedade mais justa, solidária e 'feliz'.”

A formação docente é colocada como um processo de atuação do professor na construção da sociedade; assinala-se a partir dessa perspectiva alguns valores que, por si só, podem ser discutíveis e passíveis de observações.

A violência como processo histórico e social: algumas considerações a compreensão teórica

Com o desenvolvimento de pesquisas realizadas no âmbito da Secretaria de Estado da Educação e especificamente na Coordenação dos Desafios Educacionais Contemporâneos, foi possível iniciar a compreensão da questão da violência na escola. É possível afirmar que, enquanto processo social ela é permanente e que se constitui a partir das contradições sociais. Nesse aspecto explica-se a violência pelo movimento da sociedade no seu desenvolvimento histórico e nas suas contradições sociais. Assim, pode-se afirmar que a realidade social constitui-se como a origem da violência e seus desdobramentos.

[...] se todo pensamento ou conhecimento é dependente de uma perspectiva social e historicamente condicionada, e ligada a um ponto de vista social inevitavelmente parcial e tendencioso, como chegar á verdade objetiva ou ao menos a um *optimum* de veracidade cognitiva? (LÖWY, 1987, p. 82)

Nesse sentido, as contradições sociais dentro da comunidade que a violência ganha destaque no espaço social, tem-se a violência como principal aspecto a ser analisado. O tem portanto, merece atenção especial pela sua significação e pela sua complexidade. “A violência se caracteriza quando os atores sociais nela envolvidos assim a qualificam, ratificando assim um consenso social a respeito. Deve portanto, ser compreendida como fruto de um determinado tempo.” (GASPARIN, LOPES, 2003, p.297)

A violência não é somente gerada e/ou reproduzida fortuitamente no interior da escola, ela decorre das práticas sociais. Trata-se então de considerar seu caráter sociológico para o entendimento desse processo, ou seja, a escola é apenas uma pequena parte de um amplo e complexo social.

Quando emprego a palavra “violência”, já estou próximo de demandar uma “contra-violência”. Estou, portanto, definindo uma situação que, a meu ver, exige uma intervenção ou a produção de uma situação contrária. E aí está o problema : quem tem o poder de definir algo como violento mobiliza, no mesmo ato, no próprio

movimento da definição, a demanda prática de uma contra-violência. (MISSE, 2006, p. 20)

Busca-se constituir uma relação pedagógica (ensino/aprendizagem) entre a violência e indisciplina escolar e o processo do conhecimento. A materialização desta relação concretiza-se a partir do ato de pesquisa que é o desdobramento metodológico para se construir o conhecimento específico sobre o processo da violência e da indisciplina escolar. Deve-se assim estabelecer uma relação com um saber que é elaborado e construído cientificamente, pois requer um método e uma ciência para a sistematização do conhecimento.

Compreender este processo é parte da tarefa que a escola deve desenvolver o campo científico, ou seja, a partir da prática docente e discente inserida num contexto social. Cabe desenvolver e fortalecer a relação do professor com o campo do conhecimento, fortalecer a compreensão de que a violência na escola é também ao mesmo tempo uma relação social que é intrínseca à prática pedagógica. Afirma-se que essa é uma questão ética, isto é, desenvolver o trabalho docente a partir do conhecimento escolar e não a partir das relações de poder. Compreende-se como relação ética não a constituição de um poder (autoridade), mas a constituição do conhecimento escolar sobre o fenômeno da violência.

Devemos sempre estar conscientes ao analisar o fenômeno da violência na escola, de que estamos em face de uma relação professor/aluno, na qual este está desfavorecido em uma relação de poder, pois a violência, ao contrário do senso comum que criminaliza o infante, produz vítimas justamente entre as crianças e os adolescentes. (SANTOS, 2001, p.107)

O autor acima considera que a violência na escola deve ser considerada também a partir da própria instituição escolar, isto é, tanto a sociedade quanto a escola produzem violência. Assim, as crianças e adolescentes colocam-se como as principais vítimas desse processo.

As relações sociais na escola requer um trabalho permanente de estudo e de centralidade para o processo de construção do conhecimento, sendo um passo fundamental para superar as contradições sociais da violência no âmbito escolar. Trata-se eminentemente da constituição de uma prática docente fundamentada na ética.

E, nesse sentido, se a escola contemporânea tem-se apresentado cada vez mais como um espaço de confrontos que em muito ultrapassam cada vez mais como um espaço de confrontos que em muito ultrapassam aqueles relativos ao embate intelectual/cultural, é possível supor, então, que seu âmbito (ou o escopo específico de sua ação) padeça de uma certa ambigüidade, ou ineficácia, por parte daqueles que a fazem cotidianamente. Trata-se, sem dúvida, de uma crise, ao mesmo tempo, paradigmática e ética. (AQUINO, 1998, p.16)

A dimensão da ética no processo de violência e de indisciplina escolar exige uma mudança de prática pedagógica, tornando-se fundamental pensar a prática (conduta) docente a partir da constituição da autoridade. Nesse sentido, o aspecto do poder docente (institucional) constitui-se a partir do conhecimento (essência) e da prática pedagógica docente. Compreende-se que a construção do processo de enfrentamento à violência e indisciplina escolar ganha concreticidade a partir da formação docente. Defende-se uma perspectiva crítica para a formação docente no âmbito da Coordenação dos Desafios Educacionais Contemporâneos, compreende-se que a construção crítica do pensamento pedagógico sobre a violência na escola possui objetividade e constitui-se como referências política e histórica.

A atitude crítica é aquela pela qual se procura olhar a realidade com clareza, profundidade e abrangência. Ver claro, para evitar os elementos que prejudicam nosso olhar, para evitar as armadilhas instaladas em nós e em torno de nós. Ver fundo, para além da superfície e das aparências. A atitude crítica é uma atitude radical, pois busca os fundamentos do que se investiga. Ver largo, na totalidade, implica abordar o objeto no seu contexto, com os elementos que o determinam e os diversos ângulos sob os quais se apresenta. (RIOS, 2006, p.82)

A relação da escola com a questão da violência e da indisciplina escolar: pressupostos do programa ética e cidadania.

O Programa Ética e Cidadania do governo federal constituiu-se como uma referência para pensar a questão da violência e da indisciplina escolar a partir de um referencial teórico e pedagógico. Trata-se de uma política pública voltada para a formação docente, desenvolvida pelo Ministério da Educação desenvolveu a partir de 2003 com o objetivo de consolidar práticas pedagógicas que conduzam à consagração da liberdade, da convivência social, da solidariedade humana e da promoção e inclusão sociais.

Não se trata de um programa a ser anexado aos currículos; é, sobretudo, o espaço onde as crianças possam aprender a viver a complexidade dos dias atuais e onde os educadores e inúmeros outros agentes sociais possam praticar e difundir os princípios da vida cidadã. (Programa Ética e Cidadania, apresentação)

Tem-se como pressuposto a constituição de uma relação cidadã entre os educandos, para que o espaço escolar tenha como escopo a garantia para uma aprendizagem e uma vivência democrática.

Aprender a ser cidadão e cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência; aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do País. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola. (Programa Ética e Cidadania, Introdução)

A relação entre educação, violência e indisciplina escolar não é recente. Há registros que indicam uma permanência nesta relação, a diferença fundamental está no teor deste processo, ou seja, cada momento histórico possui uma especificidade e uma forma de produzir violência. A escola não é uma instituição que está preservada deste processo, ou ainda não é uma instituição alheia aos processos sociais.

Estabelecer a relação entre escola e violência torna-se um desafio teórico a ser enfrentado pelo professor (a). Cabe ressaltar que a mídia produz todos os dias informações e fatos sobre a violência. Entretanto, é necessário considerar que a mídia não poder ser

referencial para o conhecimento, trata-se de informação. Expõe a violência como um fato a ser divulgado e não estudado.

Há que se ter esse cuidado, pois cabe aos professores constituir uma relação permanente com a ciência e o conhecimento e não com a informação midiática.¹ “ A mídia não descreve apenas o que chama de violência, ela também participa da sua construção, é também um dos atores desse drama social.” (MISSE, 2006, p.26)

A relação da escola com a questão da violência decorre em grande medida da compreensão que se tem da própria natureza da violência. Compreende-se que a violência é um processo de desorganização do espaço social, e efetivamente na escola e no cotidiano do trabalho docente e discente.

Trata-se de uma realidade perturbadora e conflituosa. “Os problemas disciplinares da escola e os conflitos do dia-a-dia já ultrapassaram, largamente, os corriqueiros atritos verbais e “briguinhas” de crianças.” (GASPARIN, LOPES, 2003, p.298) Há uma compreensão de que a violência escolar não pode ser considerada como uma indisciplina escolar e nesta, pode-se afirmar, não há mais inocência.

A autoridade da escola, bem como de seu principal representante, o professor, parece não ser mais suficiente para resolver tais problemas e restaurar a ordem necessária ao desenvolvimento pedagógico. Mas que “ordem”, modelo ou ética seriam necessários hoje? (GASPARIN, LOPES, 2003, p.298)

Deve-se tomar todo o cuidado ao se estudar a violência escolar com relação à questão da autoridade na escola, que não deve ser confundida com autoritarismo. Inexiste uma relação direta entre a violência escolar e perda da autoridade docente. Compreende-se que a violência escolar é um processo mais abrangente e que se comunica permanentemente com a realidade social. Assim, a autoridade docente ou a ausência dela não deve ser tomada como causa para justificar a violência escolar. Trata-se de uma relação que Aquino (1998) chama de olhar institucional sobre a violência.

Neste aspecto, é necessário para que não se cometa o equívoco de considerar a autoridade docente como uma forma eficiente de enfrentamento à violência escolar, analisar a violência escolar como um processo social-histórico e que possui uma dimensão muito

¹ Refere-se às mídias de comunicação, principalmente a televisão e a imprensa. Ou seja, a informação que atinge toda a sociedade ou toda a comunidade que sofre o processo de violência. Refere-se àquilo que Sodré (2006) chama de fascínio existente pela narrativa e pela explicitação da violência na vida real, na literatura, no cinema e na televisão.

complexa do ponto de vista dos seus desdobramentos. Deve-se assim conhecer objetivamente a realidade da violência escolar, para não cairmos no equívoco do senso comum.

A relação entre escola e violência escolar é uma realidade concreta, trata-se de um problema mundial, e numerosos são os estudiosos que têm voltado suas pesquisas à discussão e compreensão deste tema. (GASPARIN, LOPES, 2003). Portanto, esta realidade não é estranha, ela ganha proporção ampliada pelo fato de que a escola poderia ser um espaço de construção e humanização do indivíduo e não o contrário. Até porque, mesmo que necessária, a violência carrega em si mesma uma dimensão sempre destrutiva e de decomposição das relações sociais. Historicamente compreende-se, numa perspectiva crítica, que a escola é o local de criação, desenvolvimento e consolidação de laços sociais.

Não significa simplesmente negar a violência como um processo desestabilizador da ordem, mas negá-la porque antes de tudo é um processo desumano (natureza) que se constitui a partir das contradições sociais que são históricas. Logo, a violência antes de ser um ato individual e isolado, decorre de um processo que é social e histórico. Antes de a violência ser uma ação autoritária, ela é desumana e ao mesmo tempo desconstrói a identidade humana. Torna-se necessário superar a violência enquanto desejo de destruição; assim busca-se a partir da escola desconstruir esse processo sua essência fundamental, ou seja, nas relações de poder e de dominação.

Pensar a violência na escola requer compreender o papel da escola na sociedade contemporânea, ao mesmo tempo considerar que a violência é um processo social que compromete o desenvolvimento do trabalho pedagógico e a prática docente e discente. Assim, Schilling (2004, p.31) considera que

[...] é difícil falar sobre a violência. Podemos nos questionar, sempre, se nossas falhas não são fracas, inoperantes, insignificantes. Se, neste cenário de violência tão intensamente apresentada e representada, nossas falas não são inertes, medíocres, banais.

Assim propõe a autora colocar em destaque a compreensão que se tem do processo de violência, ou seja, como é possível pensar o impacto desse processo na escola se não há uma compreensão objetiva desta realidade. Caberia então pensar, a partir da escola, de que tipo, ou de que forma de violência estamos falando. Fundamental compreender o impacto desse

processo na prática docente e discente, é necessário explicitar as fronteiras entre a violência e a indisciplina escolar.

Essa discussão é central para que possamos “entrar na escola”, a fim de debater suas violências. Pensar nas relações de poder externas que contornam a instituição, ver como são traduzidas no cotidiano escolar é pressuposto para que possamos dar conta da tarefa de educar. (SCHILLING, 2004, p.59)

Deve-se observar a partir da prática pedagógica docente e discente, qual é a forma de violência que a escola enfrenta no seu dia-a-dia. “A escola entre neste debate contemporâneo sobre a violência, ora como vítima da violência externa, ora como algoz, quando vista como uma instituição com sua cota própria de violência.” (SCHILLING, 2004, p. 60)

Então, tem-se uma contradição na escola a ser superada, ou seja, como é possível enfrentar a violência na escola se as práticas docente e discente são, em vários momentos, autoritárias? A escola também é um lugar de reprodução das desigualdades sociais, da exclusão e de promoção de violências. Desta forma, é possível transformar a escola numa instituição construtora e promotora da democracia e da justiça?

Esta contradição acompanha a prática docente e discente no cotidiano da escola, permanece cada vez mais a ausência de uma proposta transformadora para tornar a escola um espaço para a superação das relações de dominação na sociedade. Assim superar a violência na escola requer antes de mais nada compreender e promover a gestão democrática na escola.

Este é o objetivo central da escola: possibilitar o acesso aos bens científicos e culturais promovidos pela humanidade. Igualmente é nessas práticas que conquistamos o exercício da liberdade de expressão, do acesso à informação que possibilite o usufruto dos direitos civis e políticos, dos direitos sociais e econômicos. (SCHILLING. 2004, p.69)

Considerações Finais

A partir da compreensão acima, pode-se afirmar que a gestão democrática da escola e na escola pode ser considerada uma referência para a superação à violência escolar. O papel pedagógico da escola assim tem como objetivo desenvolver e promover um processo de humanização fundamentado no acesso a um conhecimento científico, que é próprio da humanidade e se constitui como um direito e uma necessidade para o indivíduo se tornar

humano. Nesse aspecto, o Programa Ética e Cidadania tem por escopo constituir a dimensão democrática nas relações internas da escola, assinala-se assim como um mecanismo positivo e possível de enfrentamento à violência escolar.

A partir da compreensão da Ética como conhecimento necessário busca-se fundamentar o trabalho educativo numa perspectiva de construir mecanismos que possam contribuir para o desenvolvimento de uma cultura crítica de enfrentamento à violência.

Para Aristóteles, a violência é tudo aquilo que se origina no exterior da pessoa e conflita com o próprio desenvolvimento interior da natureza humana. Evidentemente, ele se referia especificamente ao fato de alguém ser obrigado, contra a sua vontade, a fazer alguma coisa, caracterizando uma quebra da mais característica das qualidades humanas: a vontade livre. (ALMENDRA, 2007, p.267)

A partir dos do Programa Ética e Cidadania tem-se a formação docente como um dos objetivos de êxito para a construção da cidadania no âmbito da escola. Afirma-se que uma das finalidades do programa é “contribuir para a formação dos educadores, a fim de que possam atuar com a intencionalidade necessária à construção de uma sociedade mais justa, solidária e 'feliz'.” Compreende-se que a intencionalidade sobre a justiça, solidariedade e felicidade não encontra fundamentação suficiente para enfrentar a questão da violência escolar. Ou seja, pode-se considerar que a busca de felicidade no espaço escolar tem uma dimensão subjetiva que limita a compreensão da violência no espaço da escola.

Discute-se no âmbito da formação docente a reflexão sobre a questão da Ética e da cidadania como pressupostos que podem contribuir para o processo de enfrentamento à violência e indisciplina escolar. A compreensão do fenômeno da violência apresenta-se no texto de Schilling ao considerar “a multidimensionalidade da violência”, trata-se de buscar uma compreensão objetiva para os estudos desse fenômeno.

De que tipo de violência falamos quando falamos em violência? Da violência das paixões? Da violência que acontece na família – contra a mulher, a criança, o idoso, o portador de necessidades especiais, aquele que tem uma orientação sexual diferente? Da violência do desemprego, da fome, da falta de acesso e de oportunidades, da falta de justiça? Da violência das instituições? Da violência da escola, das prisões, da polícia? Da violência da corrupção? Da violência do preconceito, do racismo, da discriminação – dos crimes do ódio, entre tribos, entre aqueles que se juntam e consideram o outro como inimigo a ser aniquilado? Da violência da criminalidade? (SCHILLING, 2003, p.3)

Compreender esses processos torna-se fundamental para saber enfrentá-lo; nesse aspecto, a formação docente necessita dos saberes que são imprescindíveis para a prática pedagógica. O conteúdo disponibilizado pelo programa **Ética e Cidadania** contribui assim para a reflexão e a ação docente sobre a questão da violência e indisciplina escolar. Ainda afirma a referida autora que “há violências diversas implicando atores (sujeitos) diversos, acontecendo sob formas diferentes (violência física, psicológica, emocional, simbólica). A exigir respostas diferentes.” (SCHILLING, 2003, p.3)

Nesse aspecto compreende-se que no âmbito da Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos da Secretaria de Estado da Educação do Paraná a violência escolar é um processo histórico e social. O pressuposto da **Ética e da Cidadania** insere-se nesse processo social, ou seja, é parte integrante da realidade social que constitui o desenvolvimento da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALMENDRA. Carlos Alberto. BAIERL, Luzia Fatima. A violência: realidade cotidiana. **Sociedade e Cultura**. Goiânia, v.10, n.2, 2007, p.267-279

AQUINO G. Júlio. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, Campinas, v.19 n. 47, 1998, p. 07-19.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Programa Ética e Cidadania**. 2003

GASPARIN. João Luiz. LOPES. Claudivan S. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum: Human and Social Sciences**. v.25, n.2 Maringá:UEM/PPG p.295-304, 2003.

CHARLOT. Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KOEHLER. Sonia Maria Ferreira. Violência Psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno. In: **Congresso Internacional “A Nova Alfabetização: um desafio para a educação do século XXI.”** 2003, Madri, p.1-13.

LEITE. Siomara Borba. Considerações em torno do significado do conhecimento. In: MOREIRA. Antonio Flavio Barbosa (org.) **Conhecimento educacional e formação do professor**: questões atuais. Campinas, SP. Papyrus, 1994.

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Busca Vida, 1987

MISSE, Michel. A Violência como sujeito Difuso. . In: FEGHALI. Jandira, MENDES. Candido, LEMGRUBER. Julita.(Orgs.) **Reflexões sobre a Violência Urbana** : (In)segurança e (Des)esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.19-33.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **A ética na pesquisa e a epistemologia do pesquisador.** *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*. [online]. jun. 2006, vol.12, no.19 [citado 03 Setembro 2008], p.80-86. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682006000100008&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1677-1168.

SANTOS. José Vicente T. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Revista Educação e Pesquisa. São Paulo**: v.27, n.1, p.105-122, Jan/Jun 2001.

SCHILLING. Flávia. **A Sociedade da Insegurança e a Violência na Escola.** São Paulo: Moderna, 2004.

SODRÉ. Muniz. Violência, Mídia e Política. In: FEGHALI. Jandira, MENDES. Candido, LEMGRUBER. Julita.(Orgs.) **Reflexões sobre a Violência Urbana** : (In)segurança e (Des)esperanças. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006. p.33-43.